

# Cai a opção pelo trabalho no campo

FATIMA XAVIER  
Da Editoria de Cidade

Rio — “Se o futebol não evoluir naturalmente, com algumas mudanças em suas regras, está condenado a se tornar um esporte monótono e desaparecer”. Extinção da barreira, presente de um cronometrista, alteração nas cobranças de pênaltis, aumento do ralo no quarto de círculo da cobrança do córner.

Estas são algumas mudanças nas regras do futebol, necessárias para dinamizar o esporte mais popular do mundo e impedir sua estagnação, segundo Paulo Amaral, preparador físico bicampeão do mundo e um estudioso do assunto. Aos 64 anos, músculos perfeitamente delineados no corpo — corre 8 km por dia e não descuida da forma física —, Paulo Amaral acha que estas mudanças ocorrerão naturalmente, “se não o futebol vai morrer de vez”.

Ele viveu sempre dentro do futebol e afirma que o esporte só não evoluiu porque as regras continuam as mesmas. Em conversas informais na praia, no bar, em debates ou mesmo com João Havelange, presidente da FIFA, Paulo Amaral tenta convencer as pessoas que algumas das 17 regras do futebol têm que ser modificadas sob pena do esporte perder de vez seu charme e não mais atrair o público aos estádios.

— Se os árbitros de todo o mundo fossem severos na aplicação das leis, o futebol não teria chegado aos caos em que hoje se encontra. Quando este antíjogo que se pratica na América Latina, com o jogador habilitado sendo impedido de jogar com faltas consecutivas, chegar à Europa, aí sim, eles vão parar para pensar e concluir que algo precisa ser feito urgentemente. Um bom exemplo está no gol antológico que o Maradono marcou contra a Inglaterra, na última Copa do Mundo, saindo de seu próprio campo, driblando meio time inglês, antes de tocar para as redes. Se fosse contra uma Seleção sul-americana, certamente teria levado um violento pontapé no meio do caminho.

Além do último Mundial serviu como triste teste para comprovar a tese de Paulo Amaral. Sentado em frente à televisão, cronômetro na mão, ele se deu o trabalho de cronometrar os minutos de bola corrida durante as partidas. Travando sempre o relógio no momento de uma falta, bola fora de jogo ou qualquer tipo de paralisação, constatou, alarmado, que hoje em dia joga-se muito pouco por culpa exclusiva das regras, já ultrapassadas.

— No jogo Brasil x Irlanda, o primeiro tempo durou apenas 32 minutos, enquanto o segundo durou 33. Itália e Argentina jo-

garam apenas 26 minutos no primeiro tempo e 27 no segundo. Quando constatar o absurdo, passei a marcar apenas o primeiro tempo. E assim anotei verdadeiras aberrações, como 25 minutos para Alemanha e Uruguai e 28 minutos para Itália e Bulgária. A decisão, entre Argentina e Alemanha, teve apenas 46 minutos de bola corrida, ou seja meio-tempo, já que cronometrei 26 minutos no primeiro e 21 no segundo.

Aos que argumentam que as partidas teriam longa duração se fosse instituído o cronômetro, Paulo Amaral lembra que esta experiência foi feita nos juvenis do Flamengo, nos seus tempos de jogador — início da década de 40 — e provou justamente o contrário:

— Os times assinavam a súmula, entravam em campo e o árbitro se preocupava apenas com a parte técnica. Numa mesa à margem do campo, o cronometrista se encarregava de autorizar a saída de bola e determinar o fim do jogo. E bom deixar claro que este procedimento era adotado apenas no Brasil, mas com excelentes resultados. Aliás, se esta regra estivesse em prática na Copa de 78, aquele gol do Zico, anulado no fim da partida contra a Suécia após Nelinho bater um escanteio, com a bola no ar, não teria acontecido, pois o árbitro se preocuparia apenas com o lance e não com o tempo de jogo.

As modificações nas regras do futebol foram, inclusive, defendidas em tese por Paulo Amaral quando fez o curso de treinador da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, em 1951. Aluno do catedrático Ernesto Santos, apresentou um minucioso trabalho para preservar o jogador habilitado e aumentar o tempo do espetáculo. As novidades eram a presença do cronometrista, a extinção da barreira, aumento do ralo no local de cobrança do escanteio — o quarto de círculo passaria de 1 metro para 2 — e modificações nas cobranças de pênaltis.

— No caso da cobrança de escanteio, a maioria dos jogadores bate com o pé trocado por pura falta de espaço, principalmente em campos pequenos. Com o aumento do ralo, o jogador pode colocar a bola onde quiser dentro da área, com maior perigo para o adversário. Extinguindo-se a barreira, um defensor vai pensar duas vezes antes de cometer uma falta ou interromper uma bela jogada com as mãos, favorecendo, assim, o futebol arte. Na cobrança de pênaltis, em 99% dos casos ocorrem invasões na área. Então acho que a solução seria cobrar a penalidade prevenindo-se apenas dois resultados: ou tiro de meta, não importando se o goleiro rebateu ou não, o gol. Com todas estas modificações,

verificamos há 36 anos atrás que o tempo de jogo aumentou consideravelmente. Na nossa experiência, o primeiro tempo teve 52 minutos e o segundo, 55. Basta procurar os relatórios nos arquivos da universidade.

“Moleque de praia”, como ele próprio gosta de se definir, Paulo Amaral começou a jogar futebol como centroavante nas arelas da zona sul carioca. Em 43 iniciou no infanto-juvenil do Flamengo, onde permaneceu até 45. No ano seguinte se transferiu para o Botafogo, já atuando como zagueiro, encerrando a carreira em 48.

— Me formei em Educação Física em 49 e continuei a trabalhar no Botafogo, um clube onde tenho raízes profundas até hoje. Lá, fiz de tudo, da preparação física de todas as categorias, até assumir a direção técnica dos profissionais, em 59, quando João Saldanha entregou o cargo. Aliás, me orgulho de ter sido o último treinador a dar um título ao clube, que foi o de campeão invicto do segundo turno carioca, em 76.

Do Botafogo, Paulo Amaral partiu para uma peregrinação que poucos técnicos fizeram no futebol brasileiro. Passou pelo Vasco, esteve no futebol italiano — Juventus e Gênova —, Corinthians, Atlético Mineiro, Bahia, Fluminense, Porto (de Portugal), Remo, Guarani, futebol árabe, além de dirigir a Seleção Paraguaia que participou das eliminatórias para a Copa da Alemanha, em 73, com Argentina e Bolívia, perdendo a vaga para os platinos. Convites para voltar ao futebol não faltam, mas Paulo Amaral suspira fundo e pondera:

— O último time que dirige foi o Bahia, em 83. Mas, muito antes disto, já havia me desiludido com o futebol brasileiro. Isto ocorreu pela primeira vez em 64, quando deixei o Juventus, seguramente o time mais bem organizado do mundo, para dirigir o Corinthians. Encontrei 44 jogadores no Parque São Jorge e logo no primeiro treino escolhi os 11 com os quais começaria a trabalhar. Quando cheguei em casa verifiquei, eufórico, que a equipe escolhida tinha a excelente média de idade: 21 anos. Imediatamente me reuni com Wadi Heliu, presidente do clube, e lhe disse que tínhamos time para lutar pelo 3º lugar e brigar pelo título no ano seguinte. Ele se aborreceu e disse: “Esqueça, coloque em campo um time com média de idade de 50 anos, mas ganhe o título”. Foi como se um buraco tivesse se aberto sob meus pés.

A indignação de Paulo Amaral parece não ter limites. Ele salienta que o futebol brasileiro começa a perder sua identidade entre os juniores, “que hoje vivem dentro de salas de musculação quando deveriam aprimorar os treinos técnicos”.

## PRODUÇÃO DO NÚCLEO RURAL

| Culturas         | Área (ha) | Produtividade (Kg/ha) | Área (ha) | Produtividade (Kg/ha) | Área plantada (*) |
|------------------|-----------|-----------------------|-----------|-----------------------|-------------------|
| Abóbora italiana | 14,5      | 12.000                | 54,0      | 9.037                 | 27,0              |
| Alho             | 9,5       | 5.473                 | 28,0      | 5.071                 | 33,9              |
| Batata           | 106,0     | 19.300                | 532,0     | 19.350                | 20,0              |
| Batata doce      | 20,0      | 18.500                | 68,0      | 16.882                | 29,4              |
| Beterraba        | 34,0      | 28.240                | 105,0     | 27.140                | 32,4              |
| Cenoura          | 192,0     | 27.310                | 395,0     | 27.145                | 48,6              |
| Repolho          | 19,0      | 35.950                | 95,0      | 35.750                | 20,0              |
| Tomate           | 25,5      | 50.500                | 156,0     | 53.600                | 16,4              |
| Total            | 420,5     | —                     | 1433,0    | —                     | 29,4              |

(\*) Percentual do Núcleo Rural de Brasília em relação a todo DF